

J. Posadas
BEETHOVEN
e a Harmonia das Relações Humanas



Editora Ciência, Cultura e Política Ltda.

APRESENTAÇÃO

Aqui estão compilados sete textos de **J. Posadas**, de 1974 a 1981, todos eles sobre **LUDWIG VAN BEETHOVEN** (1770- 1827) e o significado histórico e humano da música.

Este compilado é apenas parte muito pequena da obra de J. Posadas dedicada à cultura, à ciência e sobretudo à política. Escreveu sobre a música e a construção dos sentimentos humanos, unidos, ambos, indissolavelmente à história, às lutas sociais e à construção de uma sociedade que, superando a luta de classes, nos una ao futuro socialista da humanidade.

Esta é a primeira de uma série de publicações que pretendemos editar, nesta Coleção dedicada à Ciência, Cultura e Arte, do mesmo autor.

OS EDITORES

Agosto/1984

ÍNDICE

A música, Beethoven e o socialismo	7
A qualidade da música de Beethoven	9
Beethoven e a criação de instrumentos na música	11
A alegria da música de Beethoven	14
A música de Beethoven expressa a harmonia das relações humanas.....	16
A Nona Sinfonia de Beethoven e o progresso da humanidade... ..	21
A "Apassionata" de Beethoven e a formação dos sentimentos comunistas	24
Notas	32
Ludwig Van Beethoven (notas biográficas)	33
Outros títulos do mesmo autor	34

A MUSICA, BEETHOVEN E O SOCIALISMO

A luta pelo socialismo e o Estado operário estão unindo Beethoven com a população do mundo. Não apenas com a classe operária, com a população do mundo. Então Beethoven intervém na construção do socialismo. Assim como as ideias dos sumérios (Cl) intervém na construção do socialismo. Os sumérios foram uma sociedade muito harmoniosa; não tinham um grande desenvolvimento, mas para sua época era muito, e tinham boa música.

Beethoven e os sumérios contribuem porque dão harmonia ao resto. Centralizam então, na harmonia que vai ascendendo, a cultura, a ciência e a arte. Centralizam tirando conclusões de relações humanas superiores, não com base no egoísmo, na propriedade, na posse, na guerra. A música sempre jogou essa função na história.

Quando a música inspira à sociedade, e cria, é por que já existem relações e sentimentos muito elevados, seja nos sumérios como posteriormente. Como a época não permitia ainda um desenvolvimento homogêneo do sentimento – este ainda está se formando na sociedade humana – o fato de que os sumérios tenham feito música mostra que (esse processo) já surgia através deles. Mesmo os golfinhos têm sons que correspondem à música. Têm certos sons e acompanham os movimentos com sons que correspondem à música; o que eles fazem é um canto. E os golfinhos são chamados através do canto. Os outros animais também.

A literatura e os estudiosos tomam o exemplo do animal que uiva para a lua, mas não dizem que relação existe aí. Dizem que é porque ele tem medo, mas não é verdade. Tem que haver relações ancestrais entre a lua e os animais que influenciam sobre o organismo e o animal responde com tal voz. E um chamado, um canto ou um diálogo que o animal faz com a lua

Tive um cão que se chamava Canale, que havia educado bastante bem. Era um fox-terrier, muito inteligente e muito bravo também. Tocávamos Beethoven muitas vezes; mas a primeira vez que tocamos ele chorava e automaticamente se punha do

meu lado, me olhava e chorava. Era preciso acariciar-lhe, falar com ele, tê-lo comigo um instante, ir falando e fazendo carinho até que ele ficasse quieto. E isto repetiu-se umas oito vezes. Chorava como uma pessoa, e me olhava, não ia embora, queria expressar que sentia algo. Era muito bonito.

A música é uma criação do ser humano, da sociedade humana; a música não é som nem ruído, é música. É uma criação que continua a vida do ser humano, então está presente nela toda a inteligência, comunicada dentro dos limites que a música pode expressar. Quanto mais elevada é a música, maior e mais desenvolvida é a inteligência na música. Nos concertos de Beethoven, nas sinfonias, na quinta, na nona, na sétima, na sexta, há partes que são conversas com a vida e a natureza. Dão a impressão de que não é que Beethoven toca e cria, mas que vai caminhando, vai movendo as mãos e vai imprimindo as notas.

Cada nota de Beethoven é um pensamento da vida. E de Mozart também. No caso de Mozart, menos vinculado à realidade social; seja por causa do meio onde ele teve que trabalhar se já pela época também. Bach da mesma forma. Tem muita harmonia, um desenvolvimento ininterrupto de harmonia, mas não de temas. Juntando os três se vê um desenvolvimento permanente e incessante de harmonia. Mas a harmonia de Bach ou a de Mozart não têm um sentido. Têm efeito sobre a organização humana, elevam o pensamento a tratar de algo nobre, harmonioso – sendo harmonioso tem que ser nobre –, mas Beethoven é quem dá o tema: o amor humano.

Beethoven surge depois da revolução francesa e de todo um processo revolucionário. E se apoia sobre a preparação harmoniosa dos músicos anteriores, Bach e Mozart. Beethoven aprendeu daí, mas deu temas à música.

Ainda temos - e é correto - que tocar Mozart, Bach, e todos os demais, que são bons. Podemos continuar tocando todos eles como meio de educação, de organização dos sentimentos e da harmonia, mas ouvir sobretudo Beethoven, por que são os temas da vida. Beethoven põe a andar e a organizar. Mozart expressa e eleva o sentimento, mas não organiza ideias. Ouve-se Beethoven e ele dá as ideias; se recebe o efeito que significa a influência da música sobre o ser humano e como este contribui à música com ideias, com pensamentos, com organização harmoniosa.

12 de maio de 1981

J. POSADAS

A QUALIDADE DA MÚSICA DE BEETHOVEN

A obra de Beethoven dá a impressão de que ele concentra previamente o pensamento que, depois, vai desenvolvendo no decorrer da obra. Tomo pelo meu próprio exemplo: começo um pensamento e no decorrer do mesmo, me comovo, porque vejo que o alcance é muito mais amplo do que pensava no início, e mais amplo do que consigo transmitir. O pensamento é sempre mais abrangente do que o que sai através da palavra.

Com o compositor de música deve acontecer a mesma coisa, porque a música requer essa qualidade. A música não é uma coisa qualquer, não se pode ser músico da mesma forma que se é um carpinteiro; são duas atividades da vida, mas ser carpinteiro é simples, mesmo a função do escritor é de certa forma simples. O músico é muito mais profundo, porque tem que se expressar em forma de som e não de palavras; e são sons que de toda forma vão explicando, penetram no conhecimento, atingem o raciocínio.

O músico ao mesmo tempo, se baseia no conhecimento que já existe na humanidade. Numa relação que já existe entre ele, que compõe, e as pessoas que vão escutá-lo, uma relação humana que permite que sua obra seja compreendida. Mesmo que seja uma compreensão parcial e não integral. Por essa razão, sem ter consciência disto, os músicos, como Beethoven, elaboraram para o futuro. Criaram uma música, que para se encontrar com sua identidade social, precisa do socialismo.

A abstração que se expressa nesse tipo de músicos, é de todas as formas, uma concentração. Não são nada abstratos. Não vivem os ruídos do dia-a-dia, vivem o ruído histórico da vida. Se vivessem o ruído do cotidiano não poderiam fazer esse tipo de música. A abstração é a forma de dar uma imagem de como eles fazem sua obra, mas por outro lado sua obra é da mais profunda integração com a vida. Abstraem o problema diário do salário, da comida, para unir-se aos problemas decisivos do curso da vida.

Beethoven tinha muitas necessidades e, naquele momento, uma imensa angústia, e mesmo assim fez esta obra. É

como Karl Marx e sua companheira Jenny, que mesmo tendo vindo de famílias que tinham dinheiro, e tendo possibilidades de enriquecerem, tiveram que vender uma camisa para poder enterrar seu filho. Ele foi reprovado por isso. "Marx preferiu deixar que seus filhos morressem a deixar de fazer o que está fazendo", diziam. Entre seus filhos e sua função na história optou por desenvolver a função na história. Não foi uma escolha, mas a partir de sua consciência e sua compreensão ele cumpriu a função que via que era necessária; mais necessária que seu próprio filho.

6 de outubro de 1980

J. POSADAS

BEETHOVEN E A CRIAÇÃO DE INSTRUMENTOS NA MÚSICA

O fato de que Beethoven tenha criado e incorporado nos instrumentos à música, mostra a necessidade que ele tinha de comunicar-se; os instrumentos que existiam limitavam sua capacidade de criação, então ele teve que dedicar-se a criar instrumentos. Na bibliografia de Beethoven são citadas as suas descobertas, e entre elas, nesse sentido, uma relaciona da ao piano. Mais tarde, se reconheceu que realmente, naquela época, os instrumentos eram insuficientes, mas ninguém percebia o caráter social dessas descobertas. O instrumento musical é o meio através do qual a pessoa se comunica, é o que corresponde ao megafone do orador. É superior, porque o megafone tem a função de ampliar a voz e os novos instrumentos comunicam uma criação musical. Os instrumentos nascem dentro de determinadas limitações técnicas, mas por sua vez, a limitação técnica é resultado das relações humanas. Quando estas se elevam, o instrumento sempre aparece, qualquer que seja a época, desde a idade da pedra até a idade do bronze e do ferro. Na idade do ferro, por exemplo, os povos foram fabricando agulhas cada vez mais perfeitas. Os historiadores antigos dizem: "Bom, um certo dia tiveram a ideia de fazer agulhas de ferro", é esta a explicação que dão. Em relação ao fogo, por exemplo, apenas dizem que certo dia tiveram a ideia de criar o fogo, a luz. Os povos da Espanha, na pré-história fizeram coisas muito lindas, mas, ao mesmo tempo, muitas coisas pragmáticas, que são muito inferiores.

A música é uma das criações mais difíceis, porque ela é uma das expressões mais elevadas das relações sociais, que requer uma intensa vida mental. Não intelectual ou filosófica, mas mental. O filósofo já tem vida de ideias, movimenta-se com ideias, enquanto que o músico não se movimenta com ideias, mas com a capacidade de interpretação, que é sentimento, consciência e inteligência. Por isso, quando ele quer se comunicar e descobre que não pode, procura o instrumento. E como o pássaro que faz o ninho e procura fazê-lo de uma forma superior; a comparação é um pouco vulgar, mas tomando historicamente é assim. A música é tida e considerada como uma atividade superior da vida. Mas isto é o misticismo que fazem da vida para então justificar o poder capitalista. E mesmo que não façam isso com uma intenção premeditada, mas é esta a concepção que se desenvolve, do mistério criado pelo capitalismo.

Na filosofia é diferente porque não é necessário criar meios, instrumentos, mas conhecimentos e experiências, em quanto que na música se necessita de instrumentos. Por isso, a flauta teve um papel muito importante na história da música e da humanidade. Porque a flauta foi um dos primeiros instrumentos que combinava uma série de sons que não havia em nenhum outro instrumento, e que são sons próximos aos do piano. Existem vários sons da flauta que são parecidos com os do piano. Além disso, uma flauta bem tocada, comove. Ela foi um dos primeiros instrumentos da história humana.

A flauta tem antecedentes muito antigos, foi um dos primeiros instrumentos. Foi o primeiro instrumento que permitia compor música. Embora o instrumento de corda tenha sido ainda mais simples, mas o que permitiu compor música, e que vem das origens mais remotas foi a flauta. Nenhum dos selvagens que naquela época se ocupavam de matar gente, permaneceu, mas a flauta é uma criação, de milhões de anos atrás, que permaneceu.

E hoje, em alguns países, os animais são atraídos por meio de imitações feitas pela flauta. Existem flautas que imitam e atraem uma série de pássaros. Isso é relatado em sua época por "Martin Fierro" (2) na Argentina.

Toda a preocupação desenvolvida pelo sentimento de Beethoven, que atingia depois a capacidade criadora, tinha o mesmo fundo que mais tarde foi compreendido por Marx. Em Beethoven muito menos conscientemente, porque era uma camada da sociedade que não podia compreender o mundo, mas não foi à toa que o maior músico da história foi republicano, e teve a ousadia que não teve nenhum dos demais, de desprezar o Imperador (3). Para aquela época, quando o capitalismo tinha pela frente 150 anos de vida, isso significava muito, porque o que havia de mais elevado era o capitalismo.

Todo o processo da história mostra que o que determina o progresso é a necessidade objetiva e inteligente da humanidade. Mesmo com etapas de retrocesso, em aspectos, como foi o stalinismo, nenhum poder pode se constituir, se desenvolver e se estender, com base no atraso com relação às conquistas já existentes. E nenhuma forma de progresso importante pode se dar com base no capitalismo porque ele se desenvolve na mais profunda e espantosa das contradições: para avançar necessita da técnica mais elevada, mas para ter a técnica mais elevada, necessita matar as pessoas. Através da técnica vai eliminando as condições de vida. Porque para produzir agora se necessita, por exemplo, mil pessoas e o que o capitalismo faz com o restante das

peessoas? Um capitalista para avançar, tem que fazê-lo às custas do outro concorrente, através das holdings, dos monopólios que eles organizam e que depois se enfrentam entre si e têm que procurar se eliminar mutuamente, quando na verdade, é um absurdo acreditar que um pequeno número de pessoas vai dominar o mundo

Enquanto que toda conquista, todo progresso, desde a época mais remota da existência até hoje, se faz com base nas relações humanas e inteligentes da humanidade.

5 de agosto de 1979

J. POSADAS

A ALEGRIA DA MÚSICA DE BEETHOVEN

É transbordante a alegria da música de Beethoven; é pura alegria, alegria com a natureza. Através de Beethoven se expressa a alegria imensa das relações humanas e da organização do sentimento humano, fora de todas as formas de propriedade. Mesmo quando as relações humanas ainda não eram assim, mas era dessa forma que ele as sentia; eis aí a função do artista. Da mesma forma como a função do dirigente revolucionário é expressar essa necessidade e condição, e ele o faz por meio de ideias, o artista o expressa através da música. A música é uma linguagem abstrata, limitadamente abstrata.

Na medida em que a humanidade avança e as relações humanas se elevam, a música vai se elevando em termos de abstração, vai se tornando uma linguagem mais perceptível; e uma linguagem, que não apenas se sente, mas se vê.

Existe uma sinfonia de Dvorak (4) , que chamam do "Novo Mundo", que não sendo má – tem partes harmônicas muito lindas –, é limitada. Mostra como aí o artista ainda é influenciado pela grandeza das cortes, dos reis, dos tzares e vê o desenvolvimento do mundo dessa forma.

Os críticos de Beethoven diziam que ele vivia abstraído da realidade. A realidade para eles eram os reis, a corte, as guerras, as batalhas. A música desenvolve sentimentos que só o socialismo pode construir, por isso Beethoven é o primeiro centro do socialismo, que será superado, como Marx será superado, mas noutra época, são problemas de outra época. É o que os velhos trotskistas (5) não compreendem: não compreendem que Trotsky se referiu a problemas de uma época e agora é outra. A função que todos eles jogaram, Marx, Engels, Lênin, Beethoven, os bolcheviques, já não pode ser cumprida da mesma forma. Do ponto de vista da necessidade histórica, cada um destes cumpre uma função que é muito profunda e inigualável. Mas do ponto de vista do desenvolvimento, cada vez mais o próximo supera a qualidade do anterior. Marx será superado não porque tenha envelhecido, mas porque serão colocadas novas condições que exigem métodos mais profundos. E como diz Trotsky : a dialética será parte de um instrumento novo.

A música de Beethoven é um diálogo com o amor objetivo. E é assim quando se pensa objetivamente, com a cabeça posta no ser humano, em suas relações. Ele captava isto, do contrário não poderia ter feito essa obra. Beethoven tinha os meios para se tornar um dos homens mais ricos do mundo. Mas vivia muito modestamente. Sua música não refletia o poder, de nenhuma maneira, por isso vivia modestamente e gostava de andar pelo campo.

Sua música é fonte de organização da cabeça. Ao organizar a cabeça põe o centro, a orientação, o olhar, a existência, voltados para as relações humanas : isto dá base para compreender como elas devem ser. Não para inventar novas relações mas porque as condições de vida demonstram que podem ser assim. Antes dele não podia ter havido outro Beethoven porque não existia uma base de desenvolvimento social capaz de estimular uma inspiração que interpretasse as relações humanas que viriam. Não havia, mas agora já existe tudo isso. O que é preciso agora é o partido e o programa. Beethoven é um partido e um programa na música.

Beethoven é o sinfonista da humanidade, sua música parece a alegria no seio da natureza e dos sentimentos.

29 de agosto de 1978

J. POSADAS

A MÚSICA DE BEETHOVEN EXPRESSA A HARMONIA DAS RELAÇÕES HUMANAS

Escutar a música de Beethoven não conduz a pensar em si mesmo, em problemas de mulher, filho, problemas individuais, de sexo, ao contrário, conduz a pensar na harmonia das relações humanas, que é o objetivo da música de Beethoven. Sua música permite desenvolver ideias porque afirma a harmonia do pensamento com as relações humanas. Permite dar as bases para poder pensar e depois afirmar a profundidade das relações humanas. Não em forma de mistério, de mística ou de incerteza, mas de uma afirmação de relações harmoniosas. Bach (6) mostra a profundidade do mundo mas não expressa uma resolução de relações sociais. Enquanto que Beethoven coloca isso, sem se dedicar a caracterizar politicamente, mas toda sua música tem relações humanas, relações sociais. Sua música expressa essa harmonia: é a suavidade da música com a profundidade e altura imensas, sem chegar a se confundir com o misticismo do céu. Eleva, mas na forma de expansão de sentimentos. Consequentemente, ele expressa a expansão dos sentimentos.

Em nenhum instante a música de Beethoven se afasta da vida humana. O concerto total da música não se esfuma em problemas individuais, nos mistérios do céu, na pregação a Deus, ou na prostração ante a Virgem ou um santo, mas é a música que impulsiona comovendo o sentimento de relações humanas. É a linguagem da vida; harmoniosa como ele sente que deve ser. Porque Beethoven escreve a música dirigida à humanidade, procurando comunicá-la da forma que ele sente que deve ser. E quando chega a sentir (a linguagem da vida, NT) como realmente deve ser, é porque a música já está incorporando os sintomas de uma sociedade que tem que alcançar tal finalidade harmoniosa. Essa é a função do artista. Marx expressou isso no texto e depois que Beethoven, mas o fez através do texto, e Beethoven na música. Ao escutar a música de Beethoven a pessoa não se sente fora da realidade, não sente o misticismo da pregação ou da prece ao Cristo, à Virgem, à proteção divina ou ao consolo, mas a comoção[^] do sentimento que tem em suas raízes, em seu desenvolvimento e funcionamento, a terra, as relações humanas. Por isso sua música não conduz o indivíduo à introspecção, ao encerramento, mas à integração. Ele expressa o que houve de mais completo depois da Revolução Francesa. Expressa os alcances, como sentia a revolução. Como a música não é uma revolução

nem um tratado político, mas se move na esfera abstrata das relações humanas, era assim que ele a captava. Beethoven não podia ver os alcances políticos, mas já atribuía a essas relações uma profundidade que a sociedade não podia alcançar, a não ser depois. Da mesma forma que o objetivo da obra de Michelângelo (7) não podia ser alcançado naquele momento, só muito depois. Essa é a função do artista.

Escutando Bach e Beethoven se sente certa unidade na harmonia. Entretanto, a harmonia de Bach não conduz à segurança social: Beethoven sim, representa as relações humanas. A música de Bach, mesmo sendo de uma harmonia muito elevada, mas em certos aspectos tem um sentido de consolo. A música de Beethoven não, é exatamente um diálogo. Porque o diálogo é raciocínio e sua música é a abstração do raciocínio que inclui tudo, por isso ele se abstrai de um raciocínio concreto e, conseqüentemente, expressa a expansão do raciocínio generalizando-o.

O artista tem problemas individuais, mas para ser artista, não pode vivê-los na sua produção. Essa é a qualidade do artista, enquanto que os outros sim, misturam os seus problemas, e os problemas religiosos também. Quando o artista representa as relações humanas – e é assim que deve ser –, é por que já existem meios que lhe permitem compreender que é assim que elas devem ser. Mesmo que os demais ainda continuem agarrados ao céu. Então ele não tem problemas individuais: na sua vida diária sim, mas na produção não tem problemas individuais. Não se trata de uma separação da vida. O centro de sua vida é a produção de arte. Para outros é o desenvolvimento da atividade de comer, dormir. Mas o artista faz uma abstração desta vida. Ele vive a vida tal como a sente em profundidade, por isso é artista, do contrário comunicaria toda sua tragédia e sua obra seria outra. Isto ajuda a pensar harmoniosamente, porque o efeito que tem a comunicação do seu pensamento em no me do gênero humano, permite ter a harmonia para ver e pensar objetivamente. É um impulso, uma organização para pensar objetivamente. Por isso, a burguesia não dava quase nenhuma importância a Beethoven e utilizava-o como uma diversão. Como uma diversão que não era religiosa, mas lhe distraía, por isso deixaram Beethoven num canto; mas a Revolução Russa, mesmo sem se propor, foi elevando a compreensão cultural para compreender Beethoven. Foi elevando as relações humanas, então uniu Beethoven e as relações humanas. Por isso, Beethoven será o músico lógico do socialismo ou o mestre dos que irão surgir depois.

Beethoven Prevê uma Harmonia que não
Existe no Capitalismo

Beethoven mostra a objetividade da música, não dirigida a uma classe, a um setor, mas a objetividade das relações humanas. Conseqüentemente, só pode ter acolhida e desenvolvimento no socialismo. Por isso, à medida em que se desenvolve a revolução, Beethoven aparece cada vez mais e também Michelângelo e Leonardo da Vinci (8). Além disso, a paixão de Beethoven superava a de Bach, Haendel (9) e todos os grandes músicos, que mesmo sendo apaixonados, mas tinham uma paixão mística, ainda submetida à proteção celestial. Ou a concepção celestial. Beethoven escreve sem a proteção celestial, não se desprende dela porque nunca esteve submetido. Acreditava na religião, em Deus, mas sua obra não acreditava em Deus, e sim no homem. Michelângelo pintava para o Papa e criava homens que iam contra o Papa. Ou seja, essa é a função do artista que representa, no plano da criação artística, as relações mais elevadas da humanidade; no plano das ideias corresponde a Marx, Engels, Lênin. A música é mais abstrata do que a ideia, porque a ideia se formula como pensamento que se compara com a vida, que se expressa, que pode ser visto, que existe na experiência diária: na música não existe a experiência, não existe a experiência para comparar. Então, é necessário um grau de compreensão, de desenvolvimento da compreensão da sociedade e do progresso socialista para então Beethoven ser compreendido. Não só para ser compreendido, mas aceito, porque se trata de uma harmonia que não existe no capitalismo. Uma sociedade que vive com base na exploração não pode ser harmoniosa. De onde vai tirar essa harmonia? Beethoven prevê uma harmonia que não existia. Que dizer, ele sente essa harmonia através de sua função de artista, então desenvolve para o gênero humano a harmonia que ele sente que deve existir. Por isso, fez temas como a Terceira Sinfonia, a Quinta e a Nona, que são o canto do amor humano. Isto é, são as três sinfonias síntese das relações humanas mais elevadas.

Os críticos de música escutam a música de Beethoven, procurando ver "esta é melhor, aquela é pior, esta é mais fraca, aquela é mais forte", quando o que é necessário ver é a função da música. A música já vem dos egípcios e através deles se elevou bastante, mas foram os gregos que fizeram o Odeon(10), conseqüentemente, organizaram a música como instrumento de relações com a humanidade; a música, o teatro, o canto. O canto, como a música, é uma criação da humanidade para se comunicar, mas também para se desenvolver, porque a música ajuda a desenvolver a cabeça, a segurança do ser humano. O que demonstra que semelhante harmonia não pode ser alcançada num

regime onde estão se matando uns aos outros, onde existe antagonismo e contradições. Esta música requer uma sociedade que elimine o antagonismo e a contradição; as relações humanas que se expressam na música ajudam a compreender que isto é necessário e pode ser alcançado. Permitem compreendê-lo, como também permitem compreender a harmonia. O socialismo é a forma mais elevada da harmonia, e a música de Beethoven, mesmo sendo muito profunda, expressa essa harmonia muito longinquamente, especialmente porque são as ideias as que expressam a harmonia das relações humanas; a música é um aspecto, mas não o mais avançado; o mais avançado é a ideia. A ideia formulada, eis a harmonia completa. A música reflete isso, mas como um dos aspectos da criação humana, que inclusive não existência na natureza. Entre o som da natureza e a música existe uma diferença astronômica, expressada em termos de criação humana. A natureza é assim, seus ruídos, seus movimentos, nós os entendemos como musicais porque assim os interpretamos; pelo desenvolvimento da vida, mas é um desenvolvimento sem ordem, enquanto que a música é uma criação inteligente e consciente da humanidade que cria. A natureza criou a planta, o ser humano a música, e, depois, com a música, ele faz a planta viver.

A Unidade entre a Natureza, o Universo e as Relações Humanas

A música de Beethoven é a mais completa; é a objetividade da música. Ele não escreve para um, para outro, mas com a paixão, como demonstra a Sexta Sinfonia. Mesmo sendo simples, expressa uma paixão imensa, dá a impressão que está tocando piano em meio a milhões e milhões de pessoas. Essa é a impressão que Beethoven dá. A música é uma criação das relações humanas, não é cópia dos ruídos celestiais, e um produto de relações humanas que são superiores aos ruídos que o céu emite, aos movimentos da terra, dos astros, da atmosfera. Os movimentos que produzem o ruído, o relâmpago, o trovão, não produzem esta música. Essa música é produto de relações humanas que permitem a criação. A criação se dá dessa forma! Que, conseqüentemente, permite comunicar-se com a natureza. Não por meio do ruído, mas como uma criação que vem da natureza elevada no gênero humano; então a música busca a natureza. Busca e vai encontrá-la e então vai fazer uma associação da criação do ser humano, da música, mas que vem da natureza. Existe uma tendência a estabelecer uma unidade com o ponto de parti da. Não uma imitação e uma inclinação para o ruído ou o som, mas a música organizada, que são os sentimentos, que vêm de formas muito remotas da criação da humanidade. Da humanidade criada pela natureza, a natureza criada pelo Cosmos, e este quem sabe lá por

A educação por meio da música é muito importante e à medida, em que a humanidade avança na segurança da construção do socialismo, a música de Beethoven é mais aceita, porque é a que responde à necessidade humana – não significa que coincida, responde – porque é uma criação da necessidade humana de harmonia. A música também teve uma trajetória que vai da Idade Média a Bach, Beethoven. Em Bach se concentra a capacidade grandiosa da harmonia, mas uma harmonia ainda dependente da influência celestial; ainda que reflita a insegurança das relações humanas. Por isso, Beethoven fez a Nona Sinfonia com o coro, criou um canto à amizade, à fraternidade, e uniu a poesia à música. Une duas criações. A Poesia, naquela época, era realmente a poesia: era a forma harmoniosa de expressar as relações humanas.

Na cabeça de Beethoven havia uma unidade entre a natureza, o universo e as relações humanas. Através de uma unidade harmoniosa baseada na interpretação da natureza, do Cosmos, do Universo, do amor, do sentimento humano, se pode elaborar, então a unidade que depois a música expressa com a mais elevada harmonia, comunicando, dessa forma, sentimento, amor e elevando a capacidade de pensar. Em Beethoven, não se tratava somente de sentimentos de relações sociais, mas da unidade com a natureza. Mesmo sendo católico, ele não estava submetido nem à Igreja nem a Jesus Cristo. Suas obras tinham o objetivo de elevar a harmonia das relações humanas. Este é o efeito de sua obra, mesmo que em sua cabeça não existisse a correspondente consciência, resolução ou orientação. Ele encara a natureza da mesma forma.

Os chamados críticos de arte se referem a Beethoven dizendo "que boa música, que agradável". Mas esses termos são para caracterizar outras coisas, porque a música de Beethoven não é boa nem agradável: é a harmonia das relações humanas com a natureza e o cosmos, expressa da na música. Consequentemente, ele capta a harmonia que existe. Ele vê e sente essa harmonia assim. A clareza de sua música é a clareza do pensamento e das intenções. A música de Beethoven não leva a duvidar, interpretar ou ver de forma antagônica as relações humanas, mas impulsiona e desenvolve a consciência e permite ter a clareza para pensar, que é uma das funções da música. Enquanto que os "críticos" de Beethoven dizem, a respeito de sua música, que é "agradável", uma espécie de bálsamo para acalmar, distrair. Eles vêem a combinação musical, então captam o aspecto técnico, não as relações humanas, que é o principal elemento que a música de Beethoven expressa.

A NONA SINFONIA DE BEETHOVEN E O PROGRESSO DA HUMANIDADE

A música é uma criação do ser humano, que se desenvolveu com o processo da civilização humana. E a música expressa um dos níveis mais elevados de harmonia que o ser humano encontra. O que promove e determina a base essencial da música é o sentido de explicação entre a vida e a natureza, a vida com o céu, com os seres humanos, e dos seres humanos entre si.

Na etapa de Beethoven, este expressa, através da música, o que a mente dos filósofos, dos historiadores, dos sociólogos daquela época buscava explicar, respondendo à necessidade de ordenar a vida da humanidade.

No músico não se dá o mesmo processo que em Marx. Marx é resultado da compreensão do processo dialético e da existência do proletariado, do desenvolvimento dos regimes sociais, dos sistemas de propriedade, de produção, do regime de propriedade privada que criou o proletariado. Ao criar o proletariado, criou uma condição para a elevação dos meios, das condições para a humanidade libertar-se de todo tipo de sujeição. Mas não é o músico quem cria essas condições. Ele é um reflexo delas. E devem surgir condições prévias para que este se manifeste. Ou então ele expressa antes que surjam estas condições, como é o caso da produção do músico, do artista, do pintor revolucionário. Isto é, prevê o curso da história sem entendê-lo em sua estrutura social. Mas ele a expressa. E a música de Beethoven é assim. Sendo um produto da revolução burguesa, da revolução francesa, expressa um nível, um alcance infinitamente superior aos limites da revolução burguesa. Ele expressa como vai a inteligência humana, a capacidade de sentir, de reproduzir as relações humanas através da música, de forma superior. Não limitado ao que fazer diário, mas sim o desenvolvimento dos objetivos que a história já tornava possível de se manifestarem no ser humano. Apesar da limitação imposta pela propriedade privada, o desenvolvimento da revolução burguesa abria caminho à vida da democracia e da ciência. E mesmo mantendo a visão celestial, impulsionava a terra, sem ocultar o céu, mas libertando-se da sujeição a este.

E Beethoven expressa, na música, o mais alto nível de harmonia entre a natureza, as relações humanas e o indivíduo, que é através da capacidade de interpretação, de organização, de sentimento e de consciência

A música se faz com a superestrutura do cérebro e não apenas com a inteligência. Forma parte da inteligência, é uma das maneiras mais elevadas da inteligência, ainda que não seja a mais completa. A mais completa é a de Marx, pois é a que dá as ideias para mudar a sociedade. Porém, em Beethoven expressa-se a mesma necessidade, a mesma capacidade do ser humano de chegar a tal nível de capacidade e de evolução. Se não se chegou a forma superior no Estado operário foi porque a direção de Stalin não o permitiu; do contrário, já teriam existido outros superiores a Beethoven. Que não existiram não por que não houvesse as condições, mas porque o regime ou a direção stalinista impediu a continuação de um Marx, nesta etapa da história, que era Trotsky.

Escutamos Beethoven porque forma parte de um objetivo da humanidade: harmonizar a existência, harmonizar o nível cuja base é a alegria humana de viver. E a alegria humana de viver tem que sugerir, desenvolver ideias nobres. Ideias que expressem a fraternidade e que sejam a base das relações humanas. A música de Beethoven expressa isso. A sua harmonia conduz à fraternidade humana. Por isso, em sua mais completa obra, a Nona Sinfonia, ele teve que pôr o coro. A música era insuficiente para ele expressar o que sentia. Mesmo sendo a música mais elevada que já se escutou, e, possivelmente, até que estejamos no socialismo, não escutaremos algo superior a Beethoven, mas ele incorporou o coro, o que tem um significado do histórico. Não era uma imitação da ópera, como dizem os historiadores da época. Isso não é certo. O coro de Beethoven não se assemelha em nada, não lembra em nada, não assimila, não conduz a pensar em nenhuma ópera. Pelo contrário, a voz humana é superior ao som do instrumento. O som do instrumento também é parte do ser humano, mas passa pelo instrumento, e então a capacidade da expressão se vê cortada, diminuída. A voz é direta, reflete diretamente os sentimentos, comunica, organiza. A forma mais elevada de expressão da música é a voz humana. A forma mais elevada da fraternidade na música é expressada dessa forma por Beethoven.

O que Marx expressou em sua obra, Beethoven expressou na música, o expressou da forma mais completa. Podia expressar-se através da pintura, mas o efeito seria inferior, tanto com relação à música quanto como obra intelectual. O intelectual é para a ação direta; organiza, prevê, desenvolve o raciocínio. A pintura sugere, motiva bases para raciocinar. A capacidade teórica do marxismo dá diretamente os instrumentos para compreender as causas, os fatores que intervêm na história e determinam. Na música não. Na música o músico deve interpretar, sentir (através do que se chama sensibilidade), a inspiração. Mas a inspiração não pode ser feita se não há um sentido de unidade com o ser humano, como em Beethoven. Por isso só há um Beethoven, que é superior a Bach,

Escutamos Beethoven porque forma parte do objetivo do comunismo: elevar as relações humanas, a vida mais elevada de fraternidade. Beethoven é o mais próximo disso. Beethoven poderia ter sido superado no Estado operário. Mas, mesmo assim, no Estado operário, sem Stalin, com o socialismo, é necessária uma forma estável de sociedade para expressar as formas mais elevadas de expressão artística. E Beethoven já expressava a segurança de um regime que se mostrou superior ao feudalismo, então, já o superava. E no socialismo são necessárias relações superiores para dar músicos e pintores.

Escutamos Beethoven com a mais elevada alegria de sentirmos comunicados, unidos aos criadores das relações humanas, da fraternidade humana qualquer que tenha sido o lugar ou a função que eles exerceram, como Beethoven na música.

Sem dúvida, que há uma diferença muito grande entre Beethoven e Marx. Marx dava a base para dirigir, intervir e transformar a história. Beethoven dava um dos elementos para desenvolver a alegria para decidir-se a mudar a história. São diferenças de funções. Os dois eram necessários na história.

A "Apassionata", a melhor sonata de Beethoven, expressa uma comunicação e um sentimento de paixão muito profundo. Sentimento harmonioso extremamente profundo. Mesmo com aspectos melancólicos, em determinados momentos, a melancolia não desce ao nível da angústia, mas conduz à reanimação por meio do amor. Que é a melancolia de Beethoven por este viver só, não ter companheira, por ter tido uma série de problemas com uma mulher que amava. E entre a mulher que amava e a música, ficou com a música. E na "Apassionata" mostra uma profundidade muito grande de sentimento apaixonado, que é um exemplo, um guia para todos. E especialmente para nós, para sentirmos que tudo o que se faça de digno na história tem que ser apaixonado.

A paixão não é o torvelinho do ritmo, mas o sentimento de acúmulo de decisão, de amor para conseguir o que se quer. Demonstrar que se age com carinho e amor à vida, aos seres humanos e ao porvir, ou ao que chamamos de porvir. E Beethoven mostra isso muito bem. Ele era um grande apaixonado pela música e, através dela, da vida. E através da vida, da fraternidade humana. Por isso criou a Terceira, a Quinta e a Nona, que são três símbolos da fraternidade humana. E na Terceira Sinfonia está a marcha fúnebre, que não conduz a pensamentos de luto, de morte, do companheiro que se vai, mas a uma descrição de um acontecimento que ainda não podemos dominar – que é a morte – mas que o compreendemos, então já deixa de ser uma imposição.

23 de maio de 1975

J. POSADAS

A "APASIONATA" DE BEETHOVEN E A FORMAÇÃO DOS SENTIMENTOS COMUNISTAS

A "Apassionata", como outras obras de Beethoven, deve ser ouvida e apreciada com o sentimento de fraternidade humana, de carinho, de amor; amor à humanidade. É preciso ouvi-la com o sentimento e a paixão por todos os objetos, por todas as coisas, por todas as ações que impulsionam a humanidade, inclusive o amor entre o homem e a mulher. Não se pode tocar a "Apassionata" e outras obras de Beethoven com um sentimento de derrota, de abatimento, de pesar ou de amargura; não tem sentido. A "Apassionata", como a Nona Sinfonia são obras comoventes, às quais Beethoven não podia dar um significado político. Deu-lhes significado musical e de ação humana. Era essa a função do artista. Marx se encarregava da política. São expressões na música, do amor que Marx sentia pela humanidade. Beethoven o expressava na música.

A "Apassionata" é uma dissertação. Não completa, por que tem aspectos de relação amorosa de fantasias. Porém, em sua profundidade, de amor humano. Não o amor egoísta, conservador, de "ele" e "ela", mas sim o amor objetivo, que por uma etapa da história, particularmente na etapa de Beethoven, expressava-se no amor entre dois seres humanos.

O desenvolvimento das lutas, da ciência, da revolução, demonstraram que o amor superava o egoísmo conservador do casal, e se estendia ao amor à humanidade, que é a fonte das maiores obras da história. Enquanto que o amor do casal em si, não é fonte de elaboração e de progresso da humanidade, encerra-se no egoísmo do casal. Por sua vez, o amor à humanidade, que inclui o amor do casal, permite sugerir ideias, dar as bases da compreensão, do conhecimento, de relações humanas, sugere as ideias mais objetivas e necessárias ao progresso da humanidade, inclusive nas relações humanas.

O eventual triunfo da União Popular na França, o triunfo do "Não" na Itália, as lutas sindicais, o progresso dos Estados operários, a recente descoberta, pela União Soviética, de novos elementos no átomo, são todos novos motivos de amor à humanidade, da mulher ao homem, do homem à mulher.

O amor no casal deve ser um dos elos da estrutura em que se desenvolve a relação humana. Não opondo o casal à humanidade, mas integrado à humanidade. É um elo da cadeia da humanidade que não pode viver à parte. Porque se se isola como casal, desmorona. Na abstração e na obstrução mental.

Lênin não teve tempo de ocupar-se desses problemas. Lênin esteve preocupado em criar o instrumento para a tomada do poder. A "Apassionata" de Beethoven é parte dos elementos que estruturam a decisão de Lênin, de amor à humanidade, do processo de aprender a ser objetivo.

O amor à humanidade inclui a objetividade e o sentimento carinhoso de procriação humana. A "Apassionata" é isso.

A música tem função diferente da política. A política encarrega-se do raciocínio baseado na luta de classes. A música assenta-se no sentimento que expressa as relações humanas. E corresponde a uma outra função do ser humano. É parte da luta de classes, mas em escala superior. A música, como toda arte, constitui a superestrutura. Não se reproduz através do raciocínio político, mas pelo raciocínio do sentimento que é guiado pela política. A música tem que expressar os sentimentos, as necessidades e, em projeção, a perspectiva necessária para a humanidade. Só assim pode ser uma obra de arte. Do contrário é uma caricatura. Ainda que tenha um som agradável, que estimule parte do organismo, que por sua vez foi educado nas relações sensuais, individuais, de poder. Por isso, o capitalismo mundial gostava das obras de Wagner (11).

Atualmente, a música ainda exerce uma função superficial. Ainda não é um instrumento de educação geral da humanidade. E da mesma forma que o trabalho ela foi necessária para a vida. O ser humano criou a música para não ser submetido à brutalidade da natureza, dos instrumentos ou do trabalho. Por isso criou a música. A criação da música foi infinitamente superior aos meios de produção daquela época. Que davam uma base para criar uma relação humana superior. Mas não existiam as condições, a não ser em pequenos setores, os que apreciavam a música eram pequenos círculos. No futuro, no socialismo, a música será um acompanhamento e talvez, em certos aspectos, uma antecipação do que serão as relações carinhosas da humanidade. O carinho deixará de ser uma ação individual, será uma necessidade da vida. Será um ordenamento natural, dialético, da existência.

Hoje, o carinho é tomado como exceção, como uma qualidade, uma atitude que é preciso opor à brutalidade. Brutalidade e carinho são criações das relações produzidas pelo regime capitalista. No socialismo, o carinho será a forma normal da existência. De forma que a concência de carinho não existirá

A música pode mobilizar, comover e gerar sentimentos, ajudar a estabelecer, a buscar ou a encontrar equilíbrio. Coisa que a melhor literatura não pode fazer. Porque a música entra pelos sentidos, a literatura entra pela consciência. O sentido está mais sujeito às relações diárias, permanentes. E quando tivermos uma forma de vida socialista, onde a cultura seja a base incessante do progresso, a música descerá em escala de importância. Surgirá outra música superior, como também a literatura e a arte.

A música é criação de uma etapa da vida. Não apareceu junto com a vida, foi desenvolvendo-se como parte das relações humanas. As relações humanas da época de Beethoven eram de imposição, de poder, de reis, de poder feudal, da escravidão, da propriedade privada.

Toda a música como a de Beethoven tem uma base de protesto de reação contra as relações existentes, e de comunicação de um futuro. Demonstrou-se que o futuro é superior ao que Beethoven previa. A fraternidade humana será infinitamente superior à Nona Sinfonia e à "Apassionata"; porém ambas são um guia do que será, e deram o alcance do que vai ser.

Toda música - mesmo a de Beethoven - expressa a insegurança do processo coletivo da humanidade. Ainda é expressão individual, mas muito profunda. Por isso Beethoven é um gênio da música, mas é inferior ao que as massas soviéticas fizeram em Stalingrado (12). Não há "Apassionata" nem música capaz de expressar o sentimento das massas naquele momento; estavam de fendendo a civilização humana. Enquanto que a melhor música de Beethoven só expressa um aspecto da capacidade humana que, naquela época, estava em elaboração. Posteriormente, foi a Comuna de Paris, a Rússia em 1905, a Revolução Russa em 1917, Stalingrado e o Vietnã. A humanidade expressou como busca convencer e persuadir, e ao mesmo tempo que tem que matar, mas com um sentido doloroso, porque é necessário para o progresso. Não mata para assassinar, acumular e impor, mata porque é necessário impor o progresso. Não há música que seja capaz de expressar isso. Mesmo a música dos Partidos, dos sindicatos, das assembléias, do ruído irrequieto da população que sai a conquistar o futuro. Não há música que possa fazer isso de forma completa. O sentimento humano é a coisa mais cálida e mais profunda que existe. Ainda é necessário criar as condições para que surja o músico que possa interpretar isso. O músico e o poeta terão uma função superior à que têm nesta etapa atual, a função do músico e do poeta se desenvolvem em um nível que não é o mais elevado, mas é assim que o utilizamos, da mesma forma como utilizamos a ciência com o nível e os meios de que dispomos hoje, com base na luta de classes. Se pudessemos, utilizaríamos outros meios mais profundos.

Toda música que corresponda à necessidade da história, necessita recorrer aos sons correspondentes, concentrando e desenvolvendo os sentimentos e propagando-os a toda a humanidade. Deve expressar o sentimento da humanidade. A propriedade privada desenvolveu-se no egoísmo. Mas o desenvolvimento das relações humanas, da economia, da ciência e da técnica repele isso.

O organismo humano é uma estrutura única. A natureza do ser humano é monolítica, onde o motor central é o cérebro, que ordena e dirige o desenvolvimento das relações sociais. Ao mesmo tempo, o cérebro foi sendo construído de acordo com o desenvolvimento da ciência, da técnica, da economia, das relações sociais; assim foi avançando na organização dos sentimentos e da consciência.

A consciência foi evoluindo de acordo com as possibilidades de compreender a natureza e a sociedade. À medida em que a economia, a ciência, a técnica, a indústria, a tecnificação e a eletrônica iam avançando, ia também avançando a capacidade de pensar e de raciocinar, de educar e ordenar o sentimento.

Beethoven surgiu numa época em que o desenvolvimento da grande indústria estava em seus primórdios. Ele pôde expressar uma parte da natureza e das relações humanas, porém, num momento em que estas não estavam muito desenvolvidas.

As relações humanas não podem expressar-se na música da mesma forma que nas outras artes, porque nela a consciência não entra como elemento essencial. Enquanto que as ideias cumprem a função de comparar, ver, viver e penetrar na realidade. Claro que o músico vive, julga e sente a realidade. Mas ele elabora os sentimentos num plano mais abstrato de apreensão da vida. Ao passo que a ciência tem que tocar e penetrar na vida para poder atuar sobre ela e modificá-la, porque tem que transformar fatos tangíveis. Enquanto que a música não; entra no terreno dos sentimentos.

A música de Beethoven não reflete o ódio ao vencido ou àquele que vai vencer. Reflete o canto, a necessidade do progresso, da fraternidade humana. E faz-se não com o sentimento de vingança, mas compreendendo que a história se deu dessa forma.

Não se pode criar o progresso com sentimento de vingança, porque isso desenvolve o conservadorismo, o individualismo. E então, cria-se a troca de um padrão por outro. O socialismo suprime todos os padrões, de dentro e de fora. Os de fora, nas relações econômicas. Os de dentro, na forma de pensar, de raciocinar. A música de Beethoven é a que mais se aproxima da elaboração pelo raciocínio. Já expressava o curso e o caminho que a humanidade ia tomar. Por isso, a função de Beethoven é revolucionária. Faz sua obra para unir-se ao progresso da humanidade, não para entreter-se, não para uma obra de contemplação, mas de penetração, de integração da humanidade. A música de Beethoven se integra com a humanidade. Surgiu dos aspectos mais elevados do sentimento de progresso, da fraternidade humana. Serviu para criar ideias revolucionárias, para ser sustentáculo, base, propulsão e alimento do sentimento revolucionário. Por isso, toda obra de arte em toda etapa da história é parte integrante das ideias revolucionárias, mesmo que não as representem em forma de programa, de política, de objetivos. Forma parte da criação do sentimento e este, por sua vez, sustenta, nutre, e desenvolve a capacidade para alimentar as ideias revolucionárias, a inteligência revolucionária.

A humanidade é uma só. Desenvolveu-se através da luta de classes. A música é uma expressão, em determinados aspectos muito avançada, das relações que se desenvolveram na luta de classes. Mas uma vez que surge o marxismo, ele representa o processo de forma superior à música, porque o marxismo é a consciência do processo inconsciente da história. Não há instrumento superior à inteligência organizada, que é o marxismo.

Todo músico inteligente precisa sê-lo de tal forma que possa expressar em todo seu alcance e profundidade os sentimentos, a forma de expressar os sentimentos através da música. Porque os sentimentos não são abstrações, partem de uma base concreta, material, da vida.

Nossa preocupação por esses temas está unida naturalmente ao objetivo central que é a luta pelo comunismo, e imediatamente, ã luta pelo poder, para organizar a esquerda nos Partidos Comunistas.

Para uma participação mais direta, sentida, como organizadores da história, é necessário, viver a vida de forma completa.

Não há vida política separada da vida intelectual e da vida musical. A vida é monolítica, como monolítico é o comunismo. O Partido está unido monoliticamente na política em direção ao comunismo. Um Partido é um objetivo, uma ideia monolítica. Não tem fases nem facetas, nem arestas. É monolítico na intenção. A luta política é que tem arestas e fases. É na luta política, para ter um domínio absoluto é necessário viver a vida plenamente.

A vida é uma construção da humanidade, que se estrutura dependente da natureza e da economia. A humanidade, uma vez alcançada a sociedade socialista, começa a ter consciência de si mesma. Hoje mesmo, já está no alvorecer desta consciência, porque através do Partido e dos países socialistas adquire a confiança de que se pode resolver tudo, decidir tudo e mudar tudo que seja necessário. Quanto maior o avanço, o progresso, e o domínio que tenhamos da vida, das relações humanas, e quanto maior a compreensão de que a ação humana é parte da luta de classes – não separada, alheia ou parcializada – maior será a segurança de que a vida é invencível. A vida não é a propriedade, o capital e a guerra. Esses são acidentes da história. Que duraram muitos séculos, mas assim se fez a história. O ser humano se formou e se estruturou dentro de um processo de luta de classes.

Beethoven é notável e merece todo o nosso carinho e respeito, e a mais profunda adesão dos sentimentos carinhosos. Como todos os gênios da história, em vez de ter sido atraído e submetido pelo espírito, pelo sentimento, pelo desejo de posse, sentiu-se inclinado e atraído pelo sentimento de fraternidade humana. Mesmo à custa e risco de ser minoria, de ser excluído, de não participar na sociedade. E demonstrou que sua obra era necessária para a humanidade.

Esses gênios, apesar de não terem tido influência política, de serem indivíduos, foram de todas as formas considerados na mais alta escala das relações humanas. Mesmo nessa sociedade, porque expressavam uma necessidade da humanidade. A música, como a arte, surgiu como uma necessidade, através da qual, o ser humano demonstrava que não era uma besta, que não estava submetido à propriedade privada e ao comércio. Por isso nossa preocupação pelo conhecimento da arte, e em particular, de Beethoven, para compreender a vida que já constitui uma base de estímulo, porque já existem as relações necessárias para isso, para a unificação através da fraternidade. Existem as condições econômicas, sociais e a compreensão humana. Por isso, nossa preocupação constante em compreender todos os problemas da humanidade, a arte, a música, a poesia, o esporte.

Beethoven possuía a intuição – apesar dos massacres e guerras – de que o ser humano tinha qualidades suficientes para superar isso. Percebia o advento de um progresso na história, aonde o sentimento humano ia prevalecer sobre a brutalidade da economia. Ele não tinha noção econômica, mas era um artista que via com o sentimento da sociedade. Remexia no fundo dos sentimentos e os expressava em forma de música. Não era produto da consciência. Por isso não fez textos políticos. Marx, sim. Porém, ambas eram obras necessárias: a do artista e a do revolucionário. O artista expressava com a música a profundidade do sentimento humano, que era construído em forma de disputa.

Mas viu que o fundo da natureza das relações humanas levava inevitavelmente a superar a disputa, a violência, a agressão, o individualismo, com a necessidade da fraternidade humana. Por isso a obra de Beethoven é revolucionária. É limitada porque foi elaborada no processo da revolução burguesa. A revolução burguesa, mesmo sendo muito profunda, se baseava em relações individuais de propriedade privada, mesmo que já gerasse as bases para superar a propriedade privada. No fundo de tudo isso, Beethoven captou as relações humanas. Sua música era um anúncio desse processo. Eram necessárias novas etapas na história para acabar com a propriedade privada, quando vieram, então, os novos músicos. Os novos músicos foram os bolcheviques, que é a melhor orquestra que já tocou na humanidade.

O músico sente aquilo que ele vê, que ele percebe, nas relações existentes. E o reflete numa esfera determinada. Assim se fez a história da humanidade, e a arte surgiu por causa disto. Enquanto o político revolucionário vê as causas científicas históricas e as raízes, na estrutura da história. O músico vê o momento, e expressa isso. Sua função histórica de ser útil à revolução, se desenvolve, nesse contexto. O músico ou o poeta é revolucionário quando expressa, na esfera em que pode intervir, a necessidade de elevar as relações humanas, e eliminar todas as formas de ódio, de violência, de agressão, de imposição e de acumulação. Do contrário, não tem valor. Não é um poeta, é um propagandista do regime de propriedade privada. Passa a ser um propagandista do futuro comunista quando expressa relações necessárias ao desenvolvimento da história. Não porque expresse o interesse político de um Partido, mas relações humanas pelas quais esse Partido luta. Aí identifica-se com Karl Marx.

O dirigente revolucionário é uma expressão direta da luta de classes. O artista age de forma indireta. Coloca os problemas, mas tendo em conta as relações humanas existentes, e através daí imagina e se inspira. Enquanto que o político revolucionário inspira-se e desenvolve inteligência da intervenção concreta na luta de classes.

O artista é um resultado das relações humanas e, de certa forma disfarça, oculta a verdadeira origem de sua obra; as relações humanas aparecem expressadas de forma desfigurada. Não com as características de sua origem, que é a luta de classes.

Beethoven é um representante disto. Ele viu que o desenvolvimento da economia trazia a luta de operários e camponeses, e lhe deu a imagem, de que era injusta a forma em que se vivia e então colocou-se contra os reis. Por isso Beethoven era republicano. Naquela época, ser republicano era um progresso muito grande. Mas já havia se dado a Revolução Francesa. Beethoven não foi a criação de si mesmo, mas sim a representação e a expressão de um processo já em marcha. Sua música inspirava as relações humanas, como ele acreditava que iam ser. Os bolcheviques demonstraram que estas relações iam ser superiores. Não foi apenas Beethoven. Também Rousseau, Diderot, Molière, Voltaire. Toda uma gama de enciclopedistas, que no terreno da ciência, da natureza, até da jurisprudência, fizeram uma interpretação. Criava-se uma série de relações em que a natureza humana se mostrava mais confiante de si mesma, não submetida à brutalidade da economia, do poder ou do feudalismo. Mostrava-se segura de poder utilizar a economia para libertar-se.

Beethoven sentia-se observando essas relações que in fluíam sobre as relações humanas. Não a luta de classes direta, mas sim através das relações humanas. A luta de classes, porém disfarçada. Ele inspira-se nisso, e faz sua obra. Sua obra representa o grau mais acabado e completo das relações humanas dessa época. Por isso, sua obra não convinha à burguesia, porque ele era o Rôbespierre daquela etapa; ia a fundo na música, nas conclusões da Revolução Francesa.

Beethoven levava as relações humana ao nível de fraternidade, que era a base para eliminar as diferenças, os antagonismos e as contradições existentes. Porém, ao mesmo tempo, representa um aspecto desse progresso. Ele não representava as formas políticas programáticas; representava um aspecto desse progresso. E ao fazer sua obra, ele estava inspirado no desejo de servir ao progresso que surgia dessas relações. Não era nem mandado nem determinado por nenhum partido.

O desenvolvimento da ciência, das relações humanas, o domínio da natureza, o avanço da técnica, da produção, da indústria, criava relações de libertação do ser humano frente à natureza e, em parte, à sociedade. Todo esse processo, era interpretado, na filosofia e no estudo da natureza, por Diderot, Rousseau, Voltaire; Beethoven o expressava nas relações humanas, na música, como criação do ser humano. Expressava certa independência frente ao submetimento à economia e à natureza. Porém, a criação de Beethoven é uma resposta - no terreno da inspiração - do sentimento mais elevado.

Na política, não, porque a política refere-se a fatos materiais concretos. Ele representava um aspecto da luta de classes na forma de relações humanas e dos sentimentos humanos mais elevados, porém que não serviam diretamente para a luta de classes. Em compensação, serviam diretamente a Marx e aos demais revolucionários, porque lhes dava a segurança histórica e os afirmava na segurança do comunismo. Mostrava-lhes que o comunismo era legítimo na história.

Beethoven contribui ao processo de elaboração das ideias revolucionárias. Como toda arte revolucionária, contribui para o desenvolvimento das ideias revolucionárias. Cria sentimento de fraternidade, de justiça, de igualdade. Observa a vida não contemplando, como o patrão, mas sim para elevar as relações humanas. Isso ajuda o revolucionário a afirmar-se em sua segurança. Distribui, homogeniza o conhecimento entre os intelectuais revolucionários, que são os que estão ao alcance dessa compreensão e permite-lhes basear-se na segurança teórica política e histórica. É uma contribuição de Beethoven às ideias revolucionárias.

É assim como interpretamos, é assim como se deve interpretar a contribuição de Beethoven ao progresso da revolução e da humanidade.

19 de maio de 1974

J. POSADAS

NOTAS

- (1) Os Sumérios foram povos estabelecidos no baixo vale do Rio Eufrates mais ou menos no quinto milênio Antes de Cristo, uma civilização ainda muito pouco conhecida e estudada, na qual já existia a música. O autor escreveu textos sobre isto.
- (2) Refere-se ao poema de José Hernandez, obra fundamental da literatura Argentina, escrita no século passado, uma denúncia profunda das condições sociais de miséria e exploração em que viviam os gaúchos dos pampas argentinos.
- (3) Refere-se ao desprezo de Beethoven por Napoleão Bonaparte quando este cedeu à reação anti-republicana.
- (4) Dvorak, Anton (1841-1904): nasceu em Nalahozeves, na Bohemia. De família humilde, ajudava ao pai no pequeno comércio. Passou a ser um dos componentes da Orquestra do Teatro de Bohemia. Compôs: "Danças Eslavas" e "Rapsódia Eslava" (ambas muito populares), "Stabat Mater", "Sinfonia do Novo Mundo" (dedicada a América) e muitas outras.
- (5) Refere-se aos trotskistas que, ao contrário de Posadas, continuam acreditando que ainda há stalinismo na URSS, mesmo quando esta, ao contrário da época de Stalin, apoia e estende a revolução, enfrentando o imperialismo mundial como sistema.
- (6) Bach, J. S. (1685-1750): Compositor alemão, precedeu Beethoven. Apesar de genial, sua obra era, ao contrário de Beethoven, influenciada pelo poder da Igreja, pelas relações dominantes na época.
- (7) Michelângelo (1475-1564); pintor, escultor, arquiteto e poeta italiano, o artista mais completo e Universal do Renascimento.
- (8) Leonardo da Vinci (1452-1519): pintor, escultor, arquiteto, engenheiro, cientista italiano renascentista.
- (9) Haendel, Georg Friedrich (1685-1759): compositor inglês, de origem alemã, contemporâneo de Bach.
- (10) Odeon: tipo de construção grega feito especialmente como local para o canto e a música.
- (11) Wagner, Richard (1813-1883): compositor alemão, autor de "Tristão e Isolda" e "Siegfried".
- (12) Stalingrado: em 1943, lutando contra o cerco nazista a essa cidade, as massas soviéticas começaram a reverter o curso da II Guerra e a relação de forças mundiais.

LUDWIG VAN BEETHOVEN

- 1770 - Em 17 de dezembro nasce Ludwig Van Beethoven, filho de Johann Van Beethoven, músico da Corte.
- 1787 - Beethoven toca, em Viena, para Mozart e fica vivendo em Viena até o fim de sua vida.
- 1792 - Haydn, ouve em Bonn, uma cantata composta por Beethoven. Em 1793, este torna-se discípulo de Haydn.
- 1805 - Tropas de Napoleão ocupam Viena.
- 1812 - Beethoven encontra Goethe, em Teplitz.
- 1826 - Enfermidade. Perturbação de vista. Gôta. Permanentemente doente até março (1827) quando morre no dia 26. Entre inúmeras outras obras, Beethoven compôs as sinfonias de 1 a 9, Sonata Patética, Fidélio (Leonora) , Missa Solene, vários concertos para piano, sonatas, quartetos , trios.

OUTROS TÍTULOS DO MESMO AUTOR

J. POSADAS possui parte de sua obra publicada em vários idiomas. Em língua portuguesa, esses são alguns títulos:

- "PENSAMENTO DE TROTSKY NO 369 ANIVERSÁRIO DE SUA MORTE" (Ago/78)
- "A ECOLOGIA, A CRISE DO CAPITALISMO E A SAÍDA SOCIALISTA DA HUMANIDADE" (Mar/78)
- "O MARXISMO E A ACADEMIA GREGA" (Jul/78)
- "CAMBODJA E VIETNÃ E OS PROBLEMAS DA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO" (Jun/79)
- "A CRIANÇA DA NICARÃGUA: DEFENSORA DA HUMANIDADE" (Set/79)
- "A CONSTRUÇÃO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES BASEADO NOS SINDICATOS" (sobre o Brasil) (Jan/80)
- "A APASSIONATA DE BEETHOVEN E A FORMAÇÃO DOS SENTIMENTOS COMUNISTAS" (Mai/80)
- "A LIBERTAÇÃO DA MULHER^ A LUTA DE CLASSES E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA", in "LIBERTAÇÃO DA MULHER" (vários autores), da Global Editora
- "AS VIAGENS DO PAPA, A RELIGIÃO E O PROGRESSO DA HUMANIDADE AO SOCIALISMO" (Mai/80)
- "OS DISCOS VOADORES, O PROCESSO DA MATÉRIA E ENERGIA, A CIÊNCIA, A LUTA DE CLASSES E REVOLUCIONARIA E O FUTURO SOCIALISTA DA HUMANIDADE" (1968)
- "A RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS E A UNIDADE DO GÊNERO HUMANO" (Jun /81)
- "A CIÊNCIA, OS CIENTISTAS E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO" (Jun /81)
- "O PROGRESSO DO IRÃ SÓ PODE SE DAR ATRAVÉS DO SOCIALISMO" (Fev/79)
- "IRÃ: A RELAÇÃO MUNDIAL DE FORÇAS E O PROCESSO DA REVOLUÇÃO SOCIAL. A SUBLEVAÇÃO DAS MASSAS E O PROGRESSO DO IRA"(1979)
- "O PAPEL DO ESTUDANTE NA LUTA PELAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS" (Set/80)
- "O AFGANISTÃO, O IMPERIALISMO, A URSS E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO" (Mar/80)
- "OS ENSINAMENTOS DA POLÔNIA PARA O PROGRESSO SOCIALISTA DA HUMANIDADE" (Jun/82)
- "A MEDICINA NATURAL NA GRÉCIA CLÁSSICA" (1984)
- "OS PROBLEMAS DA GUERRA E DA PAZ, UMA INTERPRETAÇÃO MARXISTA" (Jul/84)

Impresso no Prol Editora Gráfica Ltda
03043 Rua Martim Burchard, 246
Brás - São Paulo - SP

com filmes fornecidos pelo Editor.

O AUTOR:

Esta obra de **J. Posadas** faz parte da extensa criação que o autor deixou no campo da ciência, da arte, da educação das crianças, e que é uma incorporação à análise marxista das relações humanas e sobre o futuro comunista da humanidade.

J. Posadas nasceu na Argentina em 1912. Dirigente teórico e político e organizador revolucionário de origem operária, iniciou suas atividades como dirigente sindical na Argentina. Adotou prontamente as ideias de Trotsky. Fundou em 1962 a **IV Internacional Posadista** e a partir daí elaborou suas obras fundamentais sobre o processo de construção do socialismo como tarefa colocada para a humanidade, nesta fase da história em que o socialismo tem suas bases estruturadas, comprovadas na experiência mundial de metade dos povos do mundo que já não vivem sob o sistema capitalista. Dedicou-se a analisar e contribuir a esse processo com uma ampla elaboração de análises sobre Polônia, China, Vietnã-Cambodja, os novos processos revolucionários nesta etapa que ele qualificou de “etapa da inteligência e da razão”. Contribuiu para dar segurança na perspectiva do comunismo também com o exemplo de sua própria vida. Suas últimas palavras antes de morrer foram: *“A vida sem a luta pelo socialismo não tem sentido,... com todas as suas conseqüências”*



O AUTOR:

Esta obra de J. Posadas faz parte da extensa criação que o autor deixou no campo da ciência, da arte, da educação das crianças, e que é uma incorporação à análise marxista das relações humanas e sobre o futuro comunista da humanidade.

J. Posadas nasceu na Argentina em 1912. Dirigente teórico e político e organizador revolucionário de origem operária, iniciou suas atividades como dirigente sindical na Argentina. Adotou prontamente as idéias de Trotsky. Fundou em 1962 a IV Internacional Posadista e a partir daí elaborou suas obras fundamentais sobre o processo de construção do socialismo como tarefa colocada para a humanidade, nesta fase da história em que o socialismo tem suas bases estruturadas, comprovadas na experiência mundial de metade dos povos do mundo que já não vivem sob o sistema capitalista. Dedicou-se a analisar e contribuir a esse processo com uma ampla elaboração de análises sobre Polônia, China, Vietnã-Cambodja, os novos processos revolucionários nesta etapa que ele qualificou de “etapa da inteligência e da razão”. Contribuiu para dar segurança na perspectiva do comunismo também com o exemplo de sua própria vida. Suas últimas palavras antes de morrer foram: “A vida sem a luta pelo socialismo não tem sentido,... com todas as suas conseqüências”.

Editôra Ciencia, Cultura e Política Ltda.